



Trabalho: Portugal tem das legislações mais rígidas, ministro

O ministro do Trabalho e Solidariedade Social, Vieira da Silva, defendeu este sábado a «flexigurança», afirmando que Portugal tem uma das legislações laborais «mais rígidas do Mundo».

«É a legislação laboral mais rígida dos estados membros da OCDE [Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico], de acordo com esta organização», disse Vieira da Silva no Porto, na conferência «Flexibilidade + segurança = flexigurança», organizada pelo gabinete da eurodeputada socialista Jamila Madeira.

O ministro realçou que as uniões europeias de sindicatos e empregadores aprovaram em Dezembro uma declaração conjunta em que admitem que a flexibilidade para empregadores e a segurança para trabalhadores, «se devidamente aplicadas, podem criar uma situação ganhadora para ambas as partes».

Vieira da Silva manifestou-se esperançado na obtenção de uma posição idêntica em Portugal, «num ambiente de mais diálogo e de menos crispação» do que o que existe actualmente entre os parceiros sociais, reconhecendo que estão a aumentar as «contratações atípicas» e é «escassa a efectividade da lei» laboral, devido a «debilidades na fiscalização» e a «especificidades na arquitectura legal».

Na opinião de Vieira da Silva, a «rigidez na organização do trabalho» está «claramente» a prejudicar a competitividade da economia portuguesa. Vieira da Silva defendeu a adopção por Portugal de um modelo de «flexigurança» semelhante ao da Dinamarca, mas se entendido como «um processo de mudança e não como uma norma».

O esforço da capacidade de adaptação das empresas, a aposta na formação e a protecção nas transições entre empregos, «cada vez mais frequentes ao longo da vida», são, para o ministro, as «áreas críticas» para que a «flexigurança» resulte.

O autor do relatório do Parlamento Europeu sobre «flexigurança», o eurodeputado dinamarquês Ole Christensen, reconheceu que «se calhar 'segurabilidade' é uma melhor palavra para definir o modelo», por dar ênfase à vertente da segurança. «Mas é apenas uma palavra», frisou, defendendo que os restantes estados europeus reforcem a sua competitividade global adoptando modelos sociais e laborais inspirados no dinamarquês, mas não necessariamente iguais.

Ole Christensen salientou que a taxa de desemprego na Dinamarca é de dois por cento, muito inferior à de Portugal (oito por cento) e à média da União Europeia (sete por cento), e realçou que, em 2006, a economia da UE cresceu apenas 1,8 por cento, bastante menos do que a dos Estados Unidos (4,3 por cento), Índia (seis por cento) e China (nove por cento).

Diário Digital / Lusa

Copyright Diário Digital 1999/2006